

**“ENTRE OS HOMOSSEXUAIS VIGORA UMA
DISCRIMINAÇÃO: A DISCRIMINAÇÃO DA IDADE”
AS FORMAS DE DIZER A VELHICE NO *LAMPIÃO DA
ESQUINA* (1978-1981)**

**“AMONG HOMOSEXUALS IS ACTIVE DISCRIMINATION: AGE
DISCRIMINATION”
METHODS TO DESCRIBE OLD AGE IN THE JOURNAL *LAMPIÃO DA
ESQUINA* (1978-1981)**

Fábio Ronaldo da Silva¹

Endereço Profissional: Aprígio Veloso, 882 – Projeto Memória – 4º andar. Bodocongó,
Cep. 58429-900
Campina Grande – PB, Brasil
Email: fabiocg@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta uma análise de matérias e cartas de leitores publicadas no jornal *Lampião da Esquina* que menciona o tema velhice ou que apresentam gays velhos, dois temas que durante muito tempo foram pouco valorizados pela historiografia brasileira. O *Lampião* que contribuiu para novas dizibilidades e visibilidades a respeito das “sexualidades dissidentes” no país, muitas vezes reforçou discursos, ainda existentes no Brasil dos anos 70, da velhice como um lugar da solidão, do recolhimento social, sendo a antessala da morte. O texto aqui apresentado, foi produzido a partir de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo do periódico anteriormente mencionado.

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*, Homossexualidades, Velhices.

Abstract: This article presents an analysis of articles and readers' letters published in the newspaper *Lampião da Esquina* that mention the theme of old age or discuss elder gay men. These two themes have long been undervalued in Brazilian collective histories. The same *Lampião* that contributed to new sayings and visibility regarding the country's “sexual dissidents” often reinforced discourses from the 1970s that still exist in Brazil. This discussion is that old age is a place of solitude, of social retreat and the doorway to death. The text presented here was produced from bibliographic research and content analysis of the aforementioned periodical.

Keywords: *Lampião da Esquina*, Homosexualities, Old Age.

¹ Pós-doutorando em História pelo PPGH/UFCG. Doutor em História pelo PPGH/UFPE. Pesquisador co-líder do Grupo de Pesquisa/DGP-CNPq História e Memória da Ciência e Tecnologia. Realiza pesquisa nas áreas de Comunicação e História, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos de gênero, velhices, imprensa, imagem, cinema, história oral, arquivo jornalístico, memória, novas tecnologias da informação.

1. Histórias (quase) silenciadas

A história LGBTQIA+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Transexuais e Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual) é entrecortada por inúmeras manifestações de violência, perseguição e oposições. Nas últimas décadas do século XX e bem mais no século XXI, esses sujeitos ocuparam o espaço público no intuito de buscar diminuir o silêncio que imperava, empunhando bandeiras e exigindo o direito à orientação erótica e afetiva ou uma busca pela “estética da existência²”. Espaços como as praças e as ruas são também como lugares de transgressão, políticos e simbólicos em que discursos são forjados e novas estratégias são tomadas para busca e construção de direitos para as pessoas subalternizadas. As lutas empreendidas pela comunidade LGBTQIA+ têm levado a sociedade a repensar seus valores e suas instituições. Isto não significa, porém, que o preconceito e a violência deixaram de existir ou que diminuíram. Estudos sobre as “sexualidades dissidentes” têm sido difundidos em muitas universidades de vários países. No Brasil, há tempos pode ser encontrada uma produção significativa sobre as interfaces que envolvem o tema. No último quartel do século XX, temos as pesquisas pioneiras de Peter Fry³, Carmem Dora Guimarães⁴, Nestor Perlongher⁵ e Edward MacRae⁶ que produziram investigações importantes sobre as transformações e configurações dessas categorias no Brasil, detendo-se mais as homossexualidades. Todavia, é ainda relativamente escassa a quantidade de estudos no campo da História sobre LGBTQIA+ na velhice.

No Brasil, a população de idosos passou a ser motivo de interesse mais constante nas diversas áreas a partir do século XX, impulsionado pelo crescimento do número de pessoas nessa faixa etária. Entretanto, há poucos estudos sobre homossexuais e envelhecimento, como apontam Simões⁷, PocaHy⁸ e Motta⁹. Este último, ao refletir sobre o assunto, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o

² FOUCAULT, Michael. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária Ltda., 2004.

³ FRY, Peter. *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁴ GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

⁵ PERLONGHER, Nestor. *O que é Aids*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁶ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

⁷ SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. In: *Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamod, p. 415-447, 2004.

⁸ POCAHY, Fernando Altair. *Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

⁹ MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 37-50, 2002.

processo de envelhecer. Ainda para esse autor, o envelhecimento, enquanto experiência, deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhecer que,

ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O caráter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice¹⁰.

Ainda é relativamente escassa a quantidade de estudos no campo da História sobre a velhice e, principalmente, referente a velhice LGBTQIA+. Ao realizarmos pesquisa¹¹ no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES vamos encontrar mais de 2.600 trabalhos sobre velhice produzidos em áreas como Gerontologia, Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Antropologia, entre outras, entretanto, apenas 16 estão na área de concentração em História.

Minois (1999), ao buscar escrever a história da velhice no Ocidente, já se perguntava sobre esse silenciamento junto aos historiadores acerca desse assunto.

Mas acontece que os historiadores uma vez mais estão atrasados e certas explicações já foram fornecidas para a sua falta de entusiasmo sobre uma história de velhice. Estabelecendo um paralelo com a sua história de infância, Phillipe Ariès pensava que a degradação sofrida no século XX pela imagem do velho, podia dar conta do desinteresse das ciências humanas a esse respeito, uma vez que a criança, domínio hoje bem preciso, é um tema mais popular. E o mais importante talvez é o facto de os velhos outrora nunca terem construído uma categoria homogênea e isolada do resto da sociedade¹².

As produções acadêmicas sobre velhice LGBTQIA+ encontrados na Plataforma da CAPES trabalham com relatos orais, literatura, documentos de capacitação produzido para cursos no campo LGBT, corpo, música, etc. Optamos por trabalhar com o *Lampião da Esquina* como fonte e objeto de análise historiográfica por ser ele o primeiro periódico de

¹⁰ WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In *Teoria e prática da Homossexualidade*. HART, John & RICHARDSON, Diane. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 38, 1983.

¹¹ Pesquisa realizada em 20 de agosto de 2021.

¹² MINOIS, George. *História da velhice no Ocidente*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Teorema, p. 15, 1999.

circulação nacional produzido e destinado a leitores, em grande maioria, homossexuais. Assim, buscamos analisar como se dizia a velhice na década de 1970 e como esse discurso era operacionalizado pelos que faziam esse jornal e pelo público que o consumia. A seguir, faremos uma breve reflexão acerca da velhice como uma etapa de vida e a biopolítica. Em seguida, apresentaremos o *Lampião da Esquina* que deu novos sentidos e significados aos corpos homossexuais e, por fim, apresentaremos algumas matérias e cartas que mencionam a velhice.

2. Algumas considerações sobre a velhice

A construção da velhice como etapa da vida marcada pela decadência física e pela perda de lugares sociais é forjada no final do século XIX com a proposta de ordenar, classificar e separar as populações, como nos mostra Foucault¹³. O método de periodização da vida implica em um investimento simbólico em um processo biológico universal.

As classificações do mundo social nos remetem à perspectiva antropológica, isto é, aos estigmas físicos e às propriedades biológicas – gênero e idade – servem de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social e, quase sempre, a elaboração desses critérios está associada à emergência de instituições e de agentes especializados que, com seus saberes, encontram nessas definições o fundamento de suas atividades. Essas classificações não são de origem “natural”, mas elaboradas por um trabalho social de produção de populações em que operam diferentes instituições, segundo critérios juridicamente constituídos, sendo os sistemas escolares, médicos e os de proteção social os meios comuns e os mais estudados. Todo esse processo será nominado por Foucault¹⁴ como o surgimento da biopolítica que tem como lógica principal a promoção da vida das pessoas. Dessa forma, busca-se garantir a eficiência do capitalismo criando várias disciplinas para o adestramento dos corpos dos indivíduos e multiplicando os mecanismos de incitação para uma vida sempre produtiva.

Assim, a biopolítica terá uma grande importância para o capitalismo pois, se de um lado possibilita uma organização de diversos tipos de investigações que puderam fazer perceber que a dinâmica social poderia ser compreendida mediante as práticas do saber/poder que sobrevinham pelo corpo por outro, a biopolítica vai possibilitar a

¹³ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: H. L. Dreyfus & P. Rabinow (Orgs.), *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999.

construção da politização do pensamento, sendo a dinâmica do capitalismo um investimento sobre o corpo e a vida.

Assim, a noção de idade que será expressa em números e anos é, também, uma prática social determinada que põe em conflito as diferentes gerações. A construção das classes etárias, de acordo com Katz¹⁵ está relacionada com o “curso de vida moderno”. A ideia de “curso de vida” se refere à forma como a sociedade vai dar significados sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, admitindo a constituição social de personalidades e trajetórias de vida, tendo como base uma sequência de transições demarcadas socialmente e diferenciadas pela idade.

O predicado “idade cronológica” no decorrer da história vai ganhando a mesma, e às vezes, mais importância que outros atributos, até então, considerados tradicionais, a exemplo de parentesco, posição social ou lugar de origem. Podemos localizar a institucionalização da idade ao longo do curso de vida através dos rituais, da idade de iniciar a vida escolar, ingressar no serviço militar, começar a trabalhar, casar, sendo a aposentadoria o final dessa jornada. A institucionalização do curso de vida nos acompanhará do nascimento até à morte, envolvendo desde o mundo familiar até a organização das políticas públicas¹⁶, sendo esta uma maneira de ordenação social da existência individual. Mesmo essas idades variando de sociedade para sociedade, de época para época, é a referência que serve como orientação para pautar a vida individual.

Ao discorrer sobre velhice e envelhecimento, não podemos apenas levar em consideração a idade cronológica – visto que velhice bem como a infância, são construções históricas e sociais. Torna-se importante atentarmos ainda para as questões sociais, econômicas, e históricas no intuito de compreender como essa categoria se diferencia¹⁷ de outras e ganha contornos próprios em um dado momento histórico, tornando-se um “problema social” causado não pelo mau funcionamento da sociedade e nem pelo aumento do número de pessoas idosas, como nos faz sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” usado para justificar o interesse social pela questão, mas pela construção da velhice como objeto de um discurso científico – o gerontológico – que passou a gerenciar os assuntos relativos ao envelhecimento e à velhice. Podemos afirmar aqui que, o campo científico formado por médicos, psicólogos e cientistas sociais são responsáveis pelo uso

¹⁵ KATZ, Steven *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia. 1996.

¹⁶ DEBERT, Guita Grin. Antropologia e Velhice. In. *Textos Didáticos*, 2ª ed. V. 1, n. 13. p. 7-28, 1998.

¹⁷ Podemos citar aqui três práticas da diferenciação que irão distinguir a velhice das outras idades cronológicas: o saber médico (geriátrico e gerontológico), a institucionalização da aposentadoria e pensão como um direito social e o aparecimento dos asilos para velhos.

das maquinarias discursivas que contribuíram na e para as representações que a sociedade possui sobre a velhice visto que eles se apoiam na Gerontologia¹⁸, como disciplina científica, para dizer a velhice. Agora, os cuidados de si e para si não eram mais suficientes àquelas pessoas que estavam se tornando velhas, era necessário agora, um poder legitimado para disciplinar os corpos daqueles velhos e ensinar aos jovens, como fazer para prolongar a juventude e não sofrer os “malefícios” trazidos pelo envelhecimento.

Muitos estudiosos dessa fase da vida passaram a desenvolver pesquisas com pessoas gays e lésbicas por acreditarem na insuficiência das investigações sobre o denominado “envelhecimento heterossexual”. A pesquisa considerada como marco fundador com esse grupo foi realizada na década de 1960 pelo sociólogo americano Martin S. Weinberg que já destacava a existência de uma invisibilidade dos gays idosos dentro da comunidade homossexual estadunidense. Apesar da existência de estudos sobre o envelhecimento dos gays, lésbicas, transgêneros e transexuais, muitos serão considerados mais como “sensibilidades gerontológicas” do que propriamente como uma linha de pesquisa da Gerontologia¹⁹.

O poder social estabeleceu e ainda estabelece os limites entre o normal e o patológico, o racional e o irracional, assim como do sano e o insano. Seria um poder normalizador, que exclui o que não se enquadra dentro dos parâmetros formais de normalidade. Por muito tempo, acreditava-se que a velhice não era algo “normal”, era uma doença e que poderia ser evitada. Esse poder social/normalizador teria suas bases no complexo saber/poder; ou seja, um vínculo direto entre o saber e o poder, em uma relação que potencializa o saber na sua busca da normalidade sendo esta uma ferramenta de dominação. Ainda segundo o autor, devido a esse poder normalizador, podemos observar através do tempo como as pessoas foram e continuam sendo julgadas, classificadas, condenadas, obrigadas a viver de um certo modo e até a morrer por não desistir de suas convicções.

Agora, faremos uma breve apresentação do *Lampião da Esquina* e, em seguida, apresentaremos a nossa análise das matérias e cartas de leitores que mencionam a velhice. De antemão é importante destacar que das 38 edições do *Lampião*, poucas fizeram

¹⁸ Termo criado no início do século XX por Elie Metchnikoff que significa o estudo do homem velho. Alguns anos depois, em 1909 o médico americano Ignatz Leo Nascher introduzia o termo geriatria na comunidade médica através de um artigo publicado no *New York Medical Journal*. O título do artigo era Geriatrics (Geriatra). LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, São Paulo, 2000.

¹⁹ HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, 2014.

menção as “mariconas²⁰” ou a velhice. Não existe nenhuma matéria especificamente que vá discorrer sobre o assunto, tal tema aparece de soslaio. Seja através de cartas (na seção *Troca-troca*), seja em enquetes, ou comentários sobre filmes, em que há uma personagem gay idoso ou matérias onde tal assunto é mencionado. Foram no total 15 matérias em diferentes edições do periódico que o assunto velhice ou os velhos foram mencionados; 12 missivas de rapazes mais jovens que buscavam um homem mais velho para “chamar de seu”, duas cartas nas quais leitores mais velhos se posicionavam sobre um determinado tema ou sobre a ausência de publicidade voltadas para o público com mais idade. Neste artigo, todavia, apresentaremos a análise de seis matérias e as cartas que mencionam a velhice ou os velhos.

3. Apresentando o *Lampião da Esquina*

Passando a ser visto como fonte pelos historiadores a partir da década de 1970, a mídia impressa seleciona, ordena e produz uma narrativa sobre determinados fatos e assuntos que escolheu apresentar para o público. Servindo como fonte e objeto de pesquisa historiográfica, a mídia, independentemente de ser eletrônica, radiofônica ou impressa, não deve ser vista como um “espelho da realidade” que apresenta um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano. Pelo contrário, ela vai contribuir na construção social da realidade onde as matérias e imagens trazidas carregam interesses da linha editorial da empresa e dos próprios jornalistas, constituindo-se uma fonte de pesquisa para o historiador se interrogar sobre o político, social, econômico e cultural de um determinado período e perceber os agentes sociais participantes desses processos²¹. Assim, com base nessas observações, apresentaremos o *Lampião* e a forma como a questão da velhice aparece em suas páginas.

Apesar da vigência da ditadura militar no Brasil, a efervescência política e cultural dos anos 1960 e 1970 foi o cenário que fez surgir, em 1978 em São Paulo, o Núcleo de Ação

²⁰ O antropólogo Carlos Henning (2014) faz um mapeamento de outros adjetivos, quase sempre depreciativos, que servirão para nomear e posicionar socialmente os gays velhos. É importante perceber que esses termos inventados entre os gays, para dizer aqueles que estão velhos, não se detêm apenas à idade cronológica, dizem também a velhice simbólica, que estará marcada no corpo, no rosto, nos cabelos que se mostrarão grisalhos, ralos ou quase inexistentes. Assim, além de *bicha velha*, serão utilizados termos como *tiozinho*, *tia*, *maricona*, *cacura*, *daddy* e, cada um, corresponde à forma como o indivíduo trabalhou no corpo tal estágio de vida. Situações de solidão ou abandono, amargura, feminilização e desvalorização social são atribuídas às *tias*, às *mariconas*, às *bichas velhas* e às *cacuras* que não são eroticamente desejáveis por serem consideradas desleixadas com o corpo e com as vestimentas, enquanto que os termos *coroa*, *daddy*, *paizão* e *tiozão* simbolizarão homossexuais dotados de boa forma, valorização sexual, pessoas másculas, viris e que as marcas do tempo não estão explicitamente visíveis no corpo.

²¹ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

pelos direitos Homossexuais que, após algumas discussões internas entre os participantes do próprio grupo, passou a se chamar SOMOS²² – Grupo de Afirmação Homossexual que iria, segundo Fry e MacRae²³, impulsionar a criação de grupos similares no Brasil²⁴, a exemplo do Eros, Libertos e o Grupo Gay da Bahia. No ano seguinte, mais precisamente no dia 06 de fevereiro, alguns integrantes do SOMOS participaram de um debate sobre minorias promovido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP).

Além da questão da visibilidade da homossexualidade, o grupo também se preocupava com a dizibilidade, sendo uma das propostas o esvaziamento dos sentidos pejorativos das palavras “bicha” e “lésbica”. Outra proposta trazida pelos mesmos era desvincular a imagem de casais de homens ou de mulheres da imagem dos casais heterossexuais, no qual o homem representa o ativo e a mulher sexualmente passiva na relação e, conseqüentemente, estava sendo questionado aqui os estereótipos da *bicha* (efeminado) e do *bofe* (masculinizado).

Enquanto isso, durante a década de 1970, saunas e boates surgiram como polos de concentração e de encontros homoeróticos, permanecendo relativamente livres da atenção do regime militar que, por sua vez, estava demasiadamente ocupado em controlar as produções artísticas e os meios de comunicação²⁵.

Foi durante esse período que os “subversivos” foram gozando e criando meios para falar aos iguais, que sentiam e desejavam da mesma forma que eles. Era preciso iluminar, dar visibilidade às *bichas* e aos *bofes*, fazê-los perceber que não precisavam viver escondidos, só e somente no escuro dos cinemas ou nos banheiros fazendo pegação. Ser “guei” era mais do que isso e era necessário quebrar as portas do armário e usar um *Lampião* para iluminar esses que “atentavam contra a família e a moral²⁶”. Então um

²²O nome escolhido foi uma homenagem ao jornal argentino Somos, que circulou em Buenos Aires entre 1971 a 1976 e encerrou as atividades por conta da ditadura militar. Foi o primeiro coletivo organizado no país, criado em 1978 em São Paulo, que buscava inserção dos homossexuais na sociedade e em defesa dos direitos da comunidade LGBT. O grupo SOMOS encerrou as atividades no ano de 1983.

²³ FRY, Peter.; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²⁴Dos quatro grupos criados, atualmente, o Grupo Gay da Bahia, coordenado pelo antropólogo Luiz Mott é o mais antigo do Brasil. Dentre as conquistas do GGB está o reconhecimento jurídico do grupo e, através de campanha, conseguiu, em 1985, que o Conselho Nacional de Saúde retirasse a homossexualidade da categoria de doenças tratáveis.

²⁵ Sobre o assunto ver: LOPES, Rodrigo Cruz. Da censura ao camburão: a regulação da homossexualidade na ditadura civil militar brasileira. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 28, n. 56, p. 231–254, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13177>. Acesso em: 15 ago. 2021.

²⁶ No ano de 1977 o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Aloísio Lorscheider faz uma crítica ao que ele denominou de processo gradual de permissividade no Brasil que, de acordo com ele, teria tido início “com o divórcio, agora foi a vez da pílula, amanhã será o aborto e, depois, o homossexualismo. Aí, será o fim.” “INPS

grupo de intelectuais autodeclarados gays, inconformados diante de tanta repressão e conservadorismo existente no país pensaram um jornal para discorrer não apenas sobre sexualidade, mas também lutar contra o preconceito e a repressão recrudescidos durante o regime militar.

O projeto do *Lampião* começa a ser pensado após a visita do editor da publicação americana de São Francisco *Gay Sunshine*, Winston Leyland, que esteve no Brasil em busca de escritores homossexuais para uma antologia de literatura gay latino-americano.

Depois da estada de Leyland no Brasil, os jornalistas Aguinaldo Silva, Adão Costa, Antônio Chysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, o cineasta Jean-Claude Bernadet, o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt, o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry se reuniram na casa do pintor Darcy Penteado para pensar a ideia do periódico, sendo estes os que formaram o conselho editorial da publicação.

O *Lampião* é idealizado em 1977 e “aceso” no ano seguinte, no período da abertura política e do enfraquecimento do regime militar instalado no Brasil em 1964. Em abril de 1978, ano em que saiu o número zero do jornal, os movimentos estudantis e operários, base das Diretas Já, ocorridas no ano de 1983, estavam começando a se organizar. Foi também o período no qual a vistoria prévia ocorrida nos grandes jornais começava a ser suspensa. Entretanto, isso não significava o fim do controle e da perseguição política, como veremos mais adiante.

Periódico de circulação mensal e nacional²⁷, o *Lampião* tinha o formato tabloide, contendo 20 páginas ilustradas com desenhos, caricaturas e fotografias. Com tiragem inicial de 10 mil exemplares em pouco tempo, passou a ter 15 mil exemplares vendidos. Começou a ser vendido por Cr\$ 15,00²⁸ cruzeiros e depois por Cr\$ 25,00²⁹ cruzeiros; possuía seções fixas a exemplo do “Cartas na Mesa” que publicava e respondia as missivas dos leitores, seção de artigos e notas variadas chamadas “Esquina”; as matérias de capa eram publicadas em “Reportagem”, “Literatura”, “Ensaio”. Nelas, um convidado opinava sobre um tema relacionado à linha editorial do jornal; a seção “Troca troca” trazia cartas de leitores que buscavam relacionamentos afetivos e/ou sexuais e, a partir da quinta edição,

também fará controle familiar” - *Estado de São Paulo*, p.14, 29 julho de 1977. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770729-31399-nac-0014-999-14-not> Acesso em 18 de maio de 2020.

²⁷ Ao observamos a seção de cartas, por exemplo, podemos perceber que o jornal circulava pelos grandes centros urbanos e cidades do interior do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, além de Ceará Mirim (Rio Grande do Norte), Teresina (Piauí), Campina Grande (Paraíba), dentre outras cidades.

²⁸ Convertendo o valor para a atual moeda corrente no país, equivale a R\$ 0,55 centavos.

²⁹ Equivalente a R\$ 0,91 centavos.

surge a seção “Bixórdia³⁰” que trazia, de forma bastante irônica, fofocas do cotidiano de leitores do *Lampião*. Havia ainda “Opinião” espécie de editorial e “Tendência” que era uma seção cultural que se dividia em “Livro”, “Exposições” e “Peça”.

Na sua primeira fase, o jornal buscava dar visibilidade ao homossexual, tirá-lo da clandestinidade, do gueto e reelaborar a imagem construída destes. Em um período onde a violência física e moral para com os homossexuais aumentava a cada dia, e muitos casos serão noticiados pelo próprio *Lampião da Esquina*, era um grande desafio se declarar e ser aceito.

Os primeiros leitores que tiveram acesso à edição zero receberam o jornal em casa via mala direta que foi organizada pelos editores do periódico e por uma rede de amigos. O *Lampião* vinha dentro de um envelope pardo, para não comprometer quem estava recebendo. Ao abrir o envelope o leitor se deparava com o jornal que trazia na capa duas grandes chamadas “Celso Curi processado. Mas, qual é o crime deste rapaz?” e “Homo eroticus – um ensaio de Darcy Ribeiro”. Mesmo existindo certa dificuldade na forma de distribuição, a publicação se beneficiava de algumas estratégias, como o famoso “boca a boca”, em que um leitor o indicava para outro; a circulação do periódico também acontecia nos “guetos” gays como saunas e boates. A existência desse e de outros periódicos só fora possível, como nos lembram Albuquerque e Ceballos³¹,

além das mudanças de que fala a grande imprensa, esse ano é marcado, também, pelo surgimento da chamada imprensa “nanica” ou alternativa, ainda muito ligada aos grupos de esquerda, que estavam saindo da clandestinidade a que o regime os havia submetido. É um momento, portanto, em que no campo da mídia, notadamente da mídia impressa, novas temáticas estão emergindo, novos sujeitos sociais começam a ser construídos, em que o que antes parecia inexistir ganha visibilidade.

Simões e Facchini³² corroboram com o que foi apresentado acima pois para eles, nesse momento singular da segunda metade dos anos 1970, se assiste uma “explosão discursiva” sobre a homossexualidade. Esse momento do “desbunde” que há no país

³⁰ Bixórdia, s.f. em machês, palavra originária de bicha, s.i (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. (LAMPPIÃO, ed. 05, 1978, p.12).

³¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, Rick *et al.* *A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lesbic@s no Brasil*. São Paulo, Xamã: NCC/SUNY, 2002, p.308.

³² FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. *Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

propiciou um maior abrandamento social e moral acerca das relações de gênero e sexual o que culminará com a disseminação da noção moderna de homossexual³³.

Tanto quanto narrar a situação social e política de um grupo em determinada época, um jornal ou revista, por exemplo, voltados para determinado público, seleciona os temas e assuntos que orientam e de certa forma fundamentam a constituição e o fortalecimento de identidades dos grupos aos quais se destinam.

Os editores do periódico utilizaram várias denominações para designar o comportamento homossexual e mudam a grafia da palavra *gay* para *guei* objetivando a abrigar um termo que passara a ser utilizado nos EUA para denominar homossexuais masculinos e femininos. A proposta era contribuir na formação desse grupo em nível nacional. Os jornais que o precederam eram produzidos por e para um grupo de amigos e o *Lampião* contribuiu para que uma parcela da sociedade pudesse expressar seus modos de ser, seus pensamentos. Ele inaugura um espaço de discussão e não mais de conformismo.

João Silvério Trevisan, um dos criadores do jornal relata o quanto foi difícil fazer com que o periódico tivesse uma circulação nacional: “muitas bancas não queriam vender, nós não conseguimos uma distribuidora nacional, eles se recusavam. Então, em cada região havia uma distribuidora³⁴”. Trazendo em suas páginas o discurso para que os *gueis* saíssem do armário e declarassem a identidade homossexual para que pudessem conseguir um lugar no panorama político brasileiro, é válido inferir que o próprio ato de ir a uma banca ou livraria comprar o *Lampião da Esquina* já era uma forma de se mostrar, se autodeclarar.

Muitos dos idealizadores do jornal eram os mesmos que participariam do SOMOS, o que permitiu que se estabelecesse uma forte identificação entre *Lampião da Esquina* e esse grupo. Apesar de servir como forma de comunicação entre os grupos, o tabloide se dizia autônomo, em relação ao movimento e seus encarregados objetivavam atingir não só os homossexuais, mas todas as pessoas interessadas em discutir a sexualidade. Além disso, pretendia discutir questões referentes a outros grupos minoritários discriminados, como as mulheres, os negros e os indígenas. Os que faziam o jornal percebiam o quanto era urgente articular outras formas de se pensar, dizer, narrar as mulheres, os negros, os indígenas, as homossexualidades e o quanto a mesma linguagem que era utilizada, ou não, pelos outros para diferenciar, coisificar essas pessoas pode ser também utilizada para construir ou buscar reelaborar esses personagens.

³³ FRY, Peter. *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

³⁴ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil – Entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2012.

O *Lampião* se apaga em 1981 com a edição de número 37 por causa de conflito de ideias dos que faziam o periódico, além de questões administrativas – no que se refere à questão da publicidade e distribuição do jornal - e à tentativa de fazer um jornal de cunho mais pornográfico e menos informativo, como estava sendo até então³⁵. Buscando ser mais “liberal” ou talvez mais comercial, o jornal passa a publicar ensaios fotográficos de homens jovens e nus. Na sétima e nona edição, publicadas, respectivamente, em dezembro de 1978 e fevereiro de 1979 encontramos várias fotos de homens na praia, onde aparecem jovens de corpos torneados e algumas fotos dão ênfase às nádegas dos rapazes.

Ensaio de nu masculino também são encontrados na seção *Bofarada*³⁶ como pode ser visto na edição 22, na qual quatro “meninos do *Lampião*” aparecem pelados, contudo, sem mostrar a genitália. O nu frontal apareceria na edição 27, também na *Bofarada* que apresenta o nu frontal dos atores Antônio Machio e Danton Jardim e do cantor Ney Matogrosso, ocorrendo o mesmo no número 36, do jornal, que traz oito imagens de homens nus, alguns mostrando a genitália e na última edição do periódico que apresenta um jovem rapaz chamado Edson, nu e com o falo à mostra na seção *Colírio*; a linguagem das matérias se torna mais apelativa e há anúncios, quase implorando, por novos leitores: “*Não fique ai sentado esperando a Revolução. Tenha um orgasmo agora!!! Leia e assine o Lampião.*” Tudo isso era um reflexo do fim da sintonia entre os produtores do jornal, mais especificamente entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan. Antônio Carlo Moreira, jornalista que também produzia matérias para o *Lampião*, em entrevista a Rodrigues (2005), fala um pouco sobre o clima que passou a existir dentro do periódico. “Ele [Aguinaldo] acabava dando o tom do jornal. No início tinha Foucault, tinha Guy Hocquenghen, tinha um monte de gente, mas até um determinado momento do jornal. Depois isto desaparece, some”.

Buscando preservar o diálogo criado com os leitores, o periódico trabalhava com o imaginário dos que tinham acesso à publicação, no entanto, com as mudanças que acabavam ocorrendo na linha editorial do jornal, os leitores também mudavam, alguns deixam de consumir e outros passam a comprar o *Lampião*. A proposta de trazer ensaios de nu masculino foi uma tentativa de chamar a atenção e atrair os leitores para que comprassem não só o jornal, mas também os livros publicados pela editora, pois apenas a

³⁵ Outras informações consultar: SILVA, Cláudio Roberto da; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. *Assumir ou não assumir: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)* [recurso eletrônico] / Paulo Souto Maior -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

³⁶ Alusão a palavra bofe que, ao contrário de ser uma carne de má qualidade, na gíria gay se refere a um homem heterossexual que chama atenção por ser bonito.

venda dos jornais em banca não estava dando para pagar as contas³⁷. Provavelmente o conselho editorial do periódico não percebeu que o leitor do surgimento do jornal, possivelmente, não era mais o mesmo daqueles últimos momentos e, de forma repentina, uma leve brisa acabava de minar o resto do gás que havia no *Lampião* e ele se apaga. Na reunião de pauta da 38^o edição, Aguinaldo Silva diz que não vão mais fazer o jornal. Ele estava encerrado. Em julho de 1981 era publicada então, a última edição do periódico que, apesar de todas as dificuldades, teve importância na construção das identidades gays e iluminou os caminhos para que outras publicações voltadas para o público gay pudessem existir.

Apresentando figuras que antes eram mostradas como personagens cômicas do carnaval ou “aberrações”, seres “anormais” e “doentes” como eram entendidos os homossexuais, o *Lampião* dá nova visibilidade e, por que não, dizibilidade à homossexualidade que, para alguns editores deste periódico, deveria ser assumida e vivenciada sem vergonha. Essa outra forma de mostrar e dizer a homossexualidade pode ser vista em matérias, cartas dos próprios leitores do jornal, entrevistas e artigos. Para homossexuais o melhor lugar era fora do armário e não nos guetos. Entretanto, como essa publicação dizia e mostrava a velhice?

3.1 Velhices, os discursos e o *Lampião*

Na edição zero, também chamada de experimental, de *Lampião* temos uma matéria assinada por Adão Costa na seção *Tendências* intitulada “Ritual da amizade na TV³⁸”, refletindo sobre a dificuldade de falar de forma séria sobre a homossexualidade na TV, sendo na sétima arte³⁹ um dos locais onde o tema vai ser abordado com certa regularidade e menciona a exibição do filme *Ritual de amizade* que foi exibido na TV Guanabara. O jornalista cita o nome de alguns filmes como *Os pecados de todos nós* (1967) também conhecido como *Reflexos de um olho dourado*, *Mulheres Apaixonadas* (1969) e *Morte em Veneza* (1971), sendo este último o qual nos deteremos.

³⁷ Além da questão da diminuição no número de vendas do periódico, existia ainda divergências entre os membros do Conselho Editorial, em especial, Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan e isso contribuiria para a finalização do projeto *Lampião*. Para saber a opinião de Aguinaldo e Trevisan sobre esse assunto, ver: *LAMPIÃO da Esquina*. Direção de Livia Perez. São Paulo, Doctela, 2016 (82 min).

³⁸ *LAMPIÃO DA ESQUINA*. Tendência. Ritual de amizade na TV. Rio de Janeiro, abril de 1978, p. 12.

³⁹ O documentário *O celuloide secreto* (The Celluloid closet, 1995) dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman apontam os filmes, *Os delicados* (The staircase, 1969) e *Os rapazes da banda* (The boys in the band, 1970) como as primeiras produções hollywoodianas a abordarem a homossexualidade.

A película de Luchino Visconti é mencionada por Costa por trazer a homossexualidade sem transformá-la em chacota ou ridicularizar os homossexuais. Em poucas linhas, é dito que o filme, adaptação da obra de Thomas Mann, retrata a história de um velho escritor, viúvo, vivenciado pelo ator Dick Bogarde que se apaixona pelo ninfeto Tazio (Björn Andrésen). A ênfase dada nas poucas linhas que menciona o filme é sobre aquele assunto que, para muitos, assusta tanto quanto a morte: a solidão. Ao mencionar a paixão do personagem Gustav von Aschenban pelo jovem Tazio o jornalista poderia ter falado da possibilidade de se vivenciar um amor quando na velhice ou o quanto em um corpo velho pulsa desejo, seja por pessoas mais jovens ou não, mas, para Adão Costa, velhice estava associada à solidão. O amor, que mais tarde se tornará uma obsessão, por Tazio faz Gustav, que estava sem inspiração para escrever e melancólico, passar a ver o mundo e a vida com o olhar de pessoa apaixonada.

Estudos mostram⁴⁰ que a gestão da velhice começa a mudar no Brasil a partir da década de 1970 quando, no período do regime militar é instituído por meio de decreto-lei a renda mensal vitalícia (pensão) para aqueles a partir de setenta anos em condição de pobreza e que fossem contribuintes da Previdência Social por, no mínimo 12 meses. É também nessa década, que o Ministério da Previdência e Assistência Social define uma “política social do idoso” objetivando a implementação de um programa médico-social para eles. Os discursos que diziam a velhice na imprensa, por exemplo, percebiam-na como um momento de afastamento da vida produtiva, cabendo aos velhos não o desejo, o prazer ou o amor, mas a reclusão ao espaço privado e esse discurso será recorrente no *Lampião da Esquina* quando vai falar sobre os velhos.

Outro filme com personagens homossexuais velhos será mencionado na edição 03 do jornal na reportagem “A difícil arte de ser guei” que relata sobre alguns atores que, cansados de estarem vivenciando sempre personagens parecidos, buscam novos desafios para a carreira. Um dos atores é Marcelo Mastroianni que fala sobre o filme *Um dia muito especial* (1977) no qual vive um personagem gay que está envelhecendo e que tem medo de perder a beleza. Na matéria há ainda o relato de Paul Newman que procura um produtor para um filme em que ele interpreta um personagem *gay*.

Na matéria, Mastroianni diz como pensou na elaboração do personagem que, para ele não foi muito difícil, “pensei comigo mesmo: sou um homossexual, estou envelhecendo

⁴⁰ Ver os trabalhos de LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, São Paulo, 2000. DEBERT, Guita Grin. *Antropologia e Velhice*, Textos Didáticos, n.19, IFCH, 1998.

e, portanto, tenho medo de perder a minha juventude e beleza⁴¹". Estando ciente que se apropria de determinados estereótipos, o ator fala ainda que pensou um personagem que era não efeminado, mas sensível. No filme, que se passa dias antes do início da Segunda Guerra Mundial, Gabriele (Mastroianni) é um jornalista solitário que foi demitido da rádio por ser homossexual, e que acaba se envolvendo com a vizinha Antonietta (Sophia Loren). É interessante perceber no discurso do ator o quanto, ao ser *gay*, é importante estar jovem e belo para ser desejado. Estar velho ou apresentar um corpo estriado é um "direito negado", é algo obscuro e que envergonha. O corpo velho não deve ser exibido. Além de ser um bom ator, Mastroianni, que na época do lançamento do filme estava com 53 anos, não era velho e sim "maduro", por isso ainda estava em cena e vai vivenciar Gabriele que estava preocupado com a questão do envelhecimento, o ator era "bem conservado", não aparentando ser tão velho e não apresentava as "impurezas" que a velhice costuma trazer ao corpo humano, como as rugas, uma afronta à pele lisa e bela.

Muitas vezes usa-se o adjetivo "feio" para mostrar que algo não é bem aceito socialmente. Quem nunca ouviu a mãe ou o pai falar para o filho ou a filha: "não faça isso, porque é feio"? Crescemos, então, acreditando que temos que fazer bonito e ser bonito para ser bem aceito socialmente. Os padrões de beleza são construídos culturalmente e sofrem mudanças ao longo do tempo. Enquanto nas primeiras décadas do século XX a feiura era considerada uma doença, um defeito que poderia ser sanado com o uso de remédios recomendado por médicos, a partir da década de 1950, a feiura passou a ser algo tratável com o uso de cosméticos, sugeridos pelas publicidades e conselhos de beleza publicados em revistas como *Querida*, *Capricho*, etc. Desta feita, "só era feia quem queria", pois com o uso correto de cosméticos qualquer pessoa poderia ser tão bonita, quanto os artistas dos filmes hollywoodianos.

A preocupação em embelezar-se e manter um corpo liso e hidratado, aos poucos, deixou de ser um hábito extraordinário se tornando um conforto habitual. Desde a década de 1960 já se realizavam na Europa, congressos sobre o envelhecimento cutâneo, contribuindo para modificar no imaginário a importância de se cuidar da pele e evitar as rugas. Nas décadas de 1960 e 1970, bonitos eram aqueles que não apenas tinham a pele e o cabelo lisos, como também a barriga pouco "saliente". Como afirma Sant'Anna⁴², "os mais velhos, para não serem considerados 'quadrados' ou 'coroas', passariam a ser assiduamente estimulados a aderir à moda adolescente". E assim, aos poucos começa a

⁴¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Marcelo Mastroianni e Paul Newman ensinam A difícil arte de ser gay. Rio de Janeiro, agosto de 1978, p. 3.

⁴² SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 128.

surgir no mercado brasileiro, cremes antienvelhecimento que prometiam, além da hidratação, combate ao estresse epidérmico, reposição de colágeno, eliminação das rugas, etc. O medo de envelhecer e perder a beleza, que a personagem gay vivenciado por Marcelo Mastroianni no filme *Um dia muito especial* não era algo do cinema, fora da ficção muitas mulheres e homens, independente da orientação sexual, também estavam vivenciando tal medo de diferentes formas e em diferentes situações.

Na décima edição do periódico, dentre outras matérias, podemos encontrar uma reportagem falando de um evento na Universidade de São Paulo (USP) sobre as minorias⁴³ (mulheres, negros e homossexuais), no entanto, o que nos interessa está na matéria sobre a famosa galeria Alaska também conhecida como Galeria do Amor, local que serviu de título para uma música do cantor Agnaldo Timóteo que diz “(...) na Galeria do Amor é assim, um lugar de emoções diferentes, onde a gente que é gente se entende, onde pode se amar livremente⁴⁴”. E esse espaço, que ficava em Copacabana, tornou-se conhecido internacionalmente como um *point gay* onde as pessoas iam não apenas para ver filmes ou paquerar, mas também para ver shows.

Na coluna *Esquina* podemos encontrar a matéria de Aristides Nunes Coelho Neto intitulada “Estrelas mil na Galeria Alaska” que fala sobre as mudanças que ocorreram na “gay paradise de Copacabana”, na estrutura física, no público e no comportamento do público, que passou a ser interesseiro, buscando apenas o prazer sexual. Estava sendo inaugurado naquele ano o Teatro Alaska e a estrela principal era o cantor Ney Matogrosso com o show “Feitiço”. Todavia, de acordo com Coelho Neto, a atração acabou não sendo Ney que, com jeans desbotado, cabelos amarrados para trás com um rabo de cavalo e uma bolsinha bem discreta, se retirou do ambiente após a apresentação. A atração estava sendo os *gueis* que foram ver o show e queriam ser mais estrelas que a atração principal, exibindo os “músculos insuspeitados mal cobertos por suas T-shirts⁴⁵” da moda. Provavelmente não eram os músculos à mostra que incomodava mais o colaborador do *Lampião da Esquina* e sim os “michês e as bichas de 457 anos” que ficam pulando de mesa em mesa.

Mesmo sendo esses lugares espaços de sociabilidade e diversão para os homossexuais, simbolicamente, funcionavam como espaços políticos, de performatividade e também de resistência tanto para os corpos dos “gueis” novos como também e principalmente, para os mais velhos, pois o estar naqueles lugares, mostrava que existiam e, mesmo de forma inconsciente, faziam daquele espaço e naquele momento, uma ação

⁴³ Os indígenas foram representados pelos antropólogos.

⁴⁴ TIMÓTEO, Agnaldo. *Galeria do amor*. Odeon. 1975.

⁴⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Esquina. Estrelas mil na Galeria Alaska*. Rio de Janeiro., março de 1979, p. 5.

política pois, como reforça Butler⁴⁶, “la demanda de acabar con la precariedad es escenificada publicamente por quienes exponen su vulnerabilidade ante unas condiciones infraestructurales que se están deteriorando.” Desta feita, existia uma resistência corporal plural e também performativa sendo operada no intuito de se fazer perceber que mesmo os poderes, em suas mais variadas instâncias, buscando reprimir, apagar, dizimar as condições de subsistência desse e de outros grupos nada mais fazem do que “reacender” esses corpos.

Mas não agradava ao jornalista a presença dos rapazes que vendiam o corpo por algumas horas para proporcionar prazer aos pagantes e, ser velho, de forma bem irônica, para Neto, é ser uma múmia, servir apenas para se observar e, quando muito, estudar, nada mais do que isso. O que vale é ser magro, bronzeado, bonito e jovem, principalmente no fim da década de 1960 e ganhando mais evidência nas décadas seguintes, quando a juventude passou a ser um valor indiscutível, universal e a aparência *teen* passa a ser sinônimo da boa forma e da beleza. A velhice vai perdendo as honras e glórias que eram enaltecidas por valores como experiência, maturidade e sabedoria. “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando experiências”? Provocava Benjamin⁴⁷, já na década de 1930.

Essas imagens trazidas pelo periódico iam de encontro as produzidas pela grande mídia e propagandas, onde os idosos eram mostrados, inicialmente, apenas como pessoas doentes, que estavam perdendo as habilidades físicas e motoras e a capacidade da memória estava falha⁴⁸. Com todas essas características desfavoráveis não serviam mais para o mercado de trabalho, em um segundo momento, esses idosos passaram a ser retratados como aqueles que cuidam dos netos e da saúde. Momentos de lazer eram impensáveis. Mesmo questionando ou ironizando a presença deles nos espaços de sociabilidade o *Lampião da Esquina* trazia, mesmo de forma discreta e suscita que quase sempre não passavam de quatro ou cinco linhas da matéria, a imagem de gueis idosos que estavam na rua, curtindo a noite, as festas, a vida ou o que dela restava.

3.2 O amor custa caro...e às vezes, a vida

⁴⁶ BUTLER, Judith. *Repensar la vulnerabilidade y la resistencia*. Conferencia em La Universidad de Alcalá, p.2. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/231310994/Judith-Butler-Repensar-La-Vulnerabilidad-y-La-Resistencia-Conferencia-en-La-Universidad-de-Alcala>. 2014. Acesso em: 21 mai. 2021.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 117.

⁴⁸ Mais sobre o assunto ver: DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

Na trigésima edição do periódico, publicada em novembro de 1980, podemos encontrar um dossiê, que é anunciado na capa do jornal, sobre a prostituição masculina. Contendo sete páginas, o dossiê surge por causa de matérias publicadas pelo jornal *Repórter* e pela revista *Nova*, matérias que os “lampiônicos” Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Aristides Nunes, Luiz Carlos Lacerda, Aristóteles Rodrigues, Alexandre Ribondi, Francisco Bittencourt, Darcy Penteado e Antônio Carlos Moreira acharam preconceituosas, decidindo então, produzirem várias matérias sobre o assunto.

Na primeira reportagem intitulada “Estes michês (nem tão) maravilhosos e suas incríveis máquinas de fazer sexo”, Aguinaldo Silva narra como foi o processo de ligar para um michê e marcar uma entrevista para que ele falasse sobre a prática de michetagem. A grande reportagem relata experiências de michês em cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro e os locais onde são possíveis contratar os serviços de um michê, além de entrevistas com alguns deles. Não obstante, o que chamará atenção é a entrevista publicada na página 09 que tem como título “Um jovem michê pede a palavra”. Ficamos conhecendo Rodrigo, que desde adolescente faz michê. Ao longo da reportagem o entrevistado fala que cobra pelo serviço algo em torno de Cr\$ 250,00 cruzeiros⁴⁹. E já recebeu Cr\$ 500,00 cruzeiros⁵⁰ para transar com um cantor famoso. Ao falar sobre os tipos de clientes que ele geralmente atendia – disse preferir transar com travesti – afirmou sair mais com homens do que com mulheres. “Pinta mulher de carro em Copacabana, mas não dá pra ir: geralmente elas estão naquela faixa dos cinquenta anos...⁵¹”. O entrevistado questiona o fato de o *garoto de programa* não aceitar como clientes mulheres coroas e, enfaticamente, responde que é “porque ela não vai pagar direito. Olha, um cara de 50 anos, eu posso sair com ele hoje, dia 20 e pedir 300 cruzeiros, porque eu sei que o pagamento ainda não saiu. Ai pelo dia 2,3 eu posso sair com ele e pedir 500, 600 cruzeiros⁵²”. O relato de Rodrigo nos remete a pesquisa realizada pelo antropólogo argentino Néstor Perlongher⁵³ que, ao trabalhar com o “dispositivo da prostituição”, analisa como foi sendo operacionalizada a michetagem na cidade de São Paulo entre o final dos anos 50 e início da década de 80. Mesmo a velhice não sendo o foco da pesquisa do antropólogo, um dos michês entrevistados afirma que além da masculinidade, a idade também era algo levado em consideração.

⁴⁹ Valor que, convertido para real, fica em torno de R\$ 9,10 centavos.

⁵⁰ O equivalente a R\$ 18,18 centavos.

⁵¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Reportagem. Um jovem michê pede a palavra. Rio de Janeiro, novembro de 1980, p. 9.

⁵² LAMPIÃO DA ESQUINA. Reportagem. Um jovem michê pede a palavra. Rio de Janeiro, novembro de 1980, *Op. cit.*

⁵³ PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Além de relatar crimes causados por homofobia⁵⁴, e o caso de uma pessoa, por preconceito, perder o contato com a família ao se autodeclarar como *gay*, as matérias trazem uma ocorrência bastante corriqueira e que tem sucedido no decorrer da história que é o fato de contratar os serviços de uma pessoa para ter algumas horas de prazer. Nesse caso, em específico, foi o de um senhor que estava contratando os serviços de um michê. Essa ideia de que são *bichas* velhas e solitárias que pagam, mais caro, pelos serviços de michês porque não tem mais envergadura de ter um relacionamento amoroso, acabou fazendo parte do imaginário de muitos *gays*. Não se pode negar que isso aconteça, mas não é somente isso. A capacidade de amar não possui um tempo cronológico. Esse limite estará no psicológico, no preconceito e na intolerância social. Existem sim homossexuais velhos que vivenciam amores e romances sem necessariamente ter que pagar, bem como há pessoas mais jovens que sentem desejo e buscam pessoas mais velhas para namorar. Não é por que se chega na velhice que sentir o corpo de outra pessoa é algo apenas para ser lembrado.

E será sobre lembranças que um dos idealizadores do *Lampião da Esquina*, Aguinaldo Silva, fala na edição 34, publicada em março de 1981, na coluna *Reportagem*. Na matéria “Memórias de Guerra” ele relembra quando, em 1968, pediu demissão e largou a coluna que assinava no jornal *Última Hora*. Estava cansado do *modus operandi* existente no jornal, pegou sua máquina de datilografar e foi em busca de liberdade. Meses depois, estava passando fome na birosca em que resolveu morar na Lapa. Silva fala do quarto onde morava e que tinha uma cama coberta por “lençóis que cheiravam a baratas que tinham morrido há pelo menos uns dez anos⁵⁵”; de Hernandez, o porteiro espanhol que todo os dias cobrava o pagamento da diária e dos moradores que dormiam naquela “birosca”, dentre eles um homem que não falava com ninguém, mas que todos sabiam que ele era corno; de Adolfo, o gaúcho, que algumas noites se deitara com Silva, os bandidos e a “bicha velha” que uma vez por semana recebia visitas de um garoto. Certa noite, a *bicha velha*

tomou um pileque e foi bater à porta do meu quarto, em prantos: me pedia, desesperada, que não olhasse daquele jeito para o seu garoto,

⁵⁴ De acordo com Borrillo (2010) o termo surge pela primeira vez nos Estados Unidos em 1971 em um artigo de K.T Smith que buscava analisar traços da personalidade homofóbica, sendo apenas em 1972 que G. Weinberg definiria a homofobia como “receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo.”. BORRILLO, Daniel. *Homofobia – História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.21.

⁵⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA. Reportagem. Memórias de Guerra. Rio de Janeiro, março de 1981, p. 7.

que ele era a única coisa que tinha, que ele não a amava, está certo, mas que ela, mesmo assim, não podia viver sem ele⁵⁶.

Após apresentar os personagens, Aguinaldo fala sobre o envolvimento que teve com Adolfo, das vezes que, juntos, fizeram “trabalhos noturnos” e da forma que aquela hospedaria foi fechada pela polícia. Das lembranças, nos fica a situação de solidão vivenciada pela *bicha velha* que, em uma sociedade que colocava os velhos como pessoas fragilizadas sem serventia para o mercado, nem para o mundo social, o lugar que cabe a ele é o esquecimento, principalmente se não possuir uma boa condição financeira. Na velhice, o que aparece com os lutos não é a chance de avançar para uma nova etapa, mas as perdas. Permanecer recebendo a visita do jovem rapaz era, talvez, uma forma ou a única forma de se sentir vivo, de expressar o desejo, de ter prazer, de amar, mesmo tendo consciência de que o desejo, o prazer e o amor acabariam naquele mesmo dia. Entretanto, existia a esperança de na próxima semana tais sensações e sentimentos voltarem a existir, daquela *bicha velha* continuar existindo, independente da proximidade real da morte.

As máquinas de produção de subjetividades, das quais falamos Guatarri e Rolnik⁵⁷ mostram que o correto é desejar pessoas jovens, bonitas, malhadas, pois, representam vitalidade, saúde, possuem um corpo viril, que pulsa desejo e que desejam. Logo, ir contra esses parâmetros é transgredir a norma, visto que o que está sendo desejado são os refugos, os “restos humanos”, os corpos sem potências. Mesmo com propostas diferentes da apresenta neste texto, existem alguns trabalhos que falam sobre essas “transgressões”, como por exemplo, a dissertação de Murilo dos Santos Moscheta ⁵⁸ apresenta reflexões acerca da experiência conjugal de casais homossexuais, de diferentes idades, frente as transformações da intimidade na contemporaneidade. Podemos citar ainda a pesquisa de Murilo Mota⁵⁹ sobre homens que voltaram ao “armário” ao chegar na velhice. Dentre as entrevistas, fala-se sobre os “amores de passagem”, que acontecem em encontros rápidos ou marcados previamente e dos amores que começaram no vapor de uma sauna ou em uma boate. Há também aqueles que, após algumas experiências, resolveram viver sozinhos.

⁵⁶ LAMPIÃO DA ESQUINA. Reportagem. Memórias de Guerra. Rio de Janeiro, março de 1981, *Op. cit.*

⁵⁷ GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

⁵⁸ MOSCHETA, Murilo dos Santos. *Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. doi:10.11606/D.59.2004.tde-07072009-205319. Acesso em: 2021-08-17.

⁵⁹ MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso de vida*. Rio de Janeiro, Mobile, 2014.

3.3 Eu existo e te desejo!

É bastante comum encontrarmos em jornais e revistas espaços nos quais leitores daquela publicação expressam opinião sobre o que vem sendo publicado, sugerem temas para que sejam abordados em edições futuras. Outras publicações oferecem espaço para que os leitores que estão em busca de novos parceiros para relacionamentos se apresentem. Em *Lampião da Esquina*, esse espaço será chamado *Cartas na Mesa*, onde não só serão publicadas as críticas e elogios dos leitores sobre o jornal, como também é possível encontrar muitas missivas falando sobre um mundo, até então, subterrâneo da homossexualidade, de espaços de vivências que homossexuais, através de astúcias, usavam em determinadas cidades e que os leitores do próprio periódico passaram a revelar através das cartas que forneciam roteiro de locais de encontro para *gueis* em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Teresina, Recife, São Luís, dentre outras.

Uma das cartas que chama atenção nessa coluna foi divulgada na edição 22 publicada em março de 1980, intitulada “Querido vovô” em que temos acesso ao desabafo de uma pessoa que prefere não se identificar, mas diz ter 65 anos e morar em Belo Horizonte. Os produtores resolvem abrir uma exceção e publicar a carta não assinada, possivelmente por ela revelar um pouco da emoção do autor e também por este dizer que, por já ter tal idade, estava se despedindo da vida. Na carta, o anônimo que chamaremos aqui de Vovô diz estar decepcionado com a Igreja Católica com o posicionamento frente aos homossexuais. “A Igreja, de vez em quando, sangra o coração do homem para não se ferir com a instituição. Triste! Mas pura verdade⁶⁰” e comenta sobre a primeira encíclica do Papa João Paulo I que condena a homossexualidade e o próprio casamento entre homossexuais, lamentando o quanto o Papa, se colocando ao lado do preconceito, injustiça cada vez mais os *gueis*. Vovô, muito desesperançoso com a vida, encerra a missiva afirmando:

para mim, nada vai mudar. Com amargor encerro a vida (65 anos). Num meio adverso, interiorano, sempre vegetei enigmático, mimetizando sempre para sobreviver. Meu consolo agora é a consciência de que fui herói, e a minha Fé cresce cada vez mais em meu coração uma esperança de que a Justiça incriada que é de Deus há de reinar soberana sobre o caos das complicações humanas, e que melhores dias já se assomam no horizonte para os meus irmãos. Adeus, amigos! O abraço mais sincero e fraterno do mais carinhoso vovô do mundo⁶¹.

⁶⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Cartas na mesa. Querido vovô. Rio de Janeiro, março de 1980, p. 18.

⁶¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Cartas na mesa. Querido vovô. Rio de Janeiro, março de 1980, *Op.cit.*

Os produtores do jornal pedem para que ele não se despeça da vida por ter 65 anos, lembrando que “bicha nunca morre, mas vira purpurina”, ou seja, se transforma em cores que darão brilho a vida, dos que ficam.

Além de um desabafo de um cristão sobre a forma como a Igreja Católica normatiza e controla o prazer e o corpo, estabelecendo “verdades” a respeito da prática sexual naquele momento, usando trechos da Bíblia para condenar a uma ação que afastaria o fiel de Deus, vemos a tristeza e decepção de uma pessoa que, aos 65 anos, sente-se excluído pela religião na qual acreditava, contudo nem por isso perdia a fé. Esta independia da religião, porém Vovô também se sentia excluído pela própria sociedade, tendo muitas vezes que agir como um camaleão para não ser percebido como homossexual. Apesar da existência do *Lampião* que pedia para que os homossexuais saíssem do armário, muitos, como é o caso de Vovô, para continuar a viver, preferiam seguir escondidos, para sobreviverem até quando fosse possível em uma sociedade que os detestava. No entanto, também existiam aqueles que não tinham medo e buscavam amar, dentro ou fora do armário.

Posteriormente surge, a partir da décima oitava edição do jornal uma seção chamada *Troca-troca*, nome que fazia alusão à prática sexual em que o ativo se deixa penetrar pelo suposto passivo e vice-versa (onde não há passivo e ativo). Na abertura da seção, havia o aviso que o espaço era gratuito, o anúncio seria publicado, desde que fosse pequeno. Nas cartas, os leitores se revelavam e apresentavam desejos por homens de diferentes tipos, etnias e idades. A coluna era em si um bom cardápio para aqueles que estavam à caça de corpos para degustar e também para leitores e leitoras que estavam em busca de fazer novas amizades.

Apenas na vigésima segunda edição, aqueles que sentiam desejo por pessoas mais velhas passaram a se revelar. Vamos encontrar nas edições, além da vigésima, até a 33^a, em meio a anúncios de jovens de 18 e 20 e poucos anos que procuravam pessoas de “cuca fresca”, discretos, que “transavam teatro” para manter amizade ou relacionamento, cartas de jovens e velhos que procuravam uma pessoa para manter amizade ou chamar de seu.

Temos, por exemplo, na vigésima edição, o anúncio de Sérgio, garçom com 22 anos de idade, morador de Matão, São Paulo, que “gostaria de conhecer senhor acima de 50 anos que seja guei ou não, mas que tenha esperanças e ainda acredite no amor para começar tudo de novo⁶²”. Vimos anteriormente algumas matérias produzidas por jornalistas e colaboradores nas quais as *bichas velhas* são tidas como múmias, uma vez que

⁶² LAMPIÃO DA ESQUINA. Troca Troca. Rio de Janeiro, março de 1980, p. 10.

essas pessoas decrépitas deveriam sair de cena, pois estavam na antecâmara da morte, já que a imagem trazida é da velhice como uma etapa da vida onde o sujeito, se ainda tiver alguma serventia, será apenas para a família. No espaço público, ela não teria mais nenhuma energia. Discurso que se coaduna com duas teorias da Gerontologia que estavam em evidência desde o final da década de 1960: a Teoria da Atividade⁶³ dizia que o idoso estaria mais feliz e teria uma melhor velhice se estivesse engajado em atividades compensatórias se mantendo ativo; enquanto a Teoria do Desengajamento⁶⁴ indicava o desengajamento voluntário das atividades para que o velho pudesse ter um envelhecimento bem-sucedido. Ambas indicavam a perda de atividades sociais para o idoso⁶⁵.

É importante destacar que a Gerontologia, enquanto campo de investigação científica, estará focada nos processos fisiológicos do envelhecimento e no prolongamento da vida através de tratamentos e intervenções médicas. Assim, no Brasil, em 1961, é criada no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), uma das primeiras entidades no país a se dedicar exclusivamente aos temas velhice e envelhecimento. No seu início, a SBGG possuía duas preocupações: a primeira era com o saber no tocante à institucionalização, profissionalização e divulgação das práticas oferecidas à sociedade e em segundo lugar, a busca por políticas públicas direcionadas ao bem-estar dos idosos.

Na década de 1970,⁶⁶ ocorreram significativos direcionamentos com relação à velhice. Em 1975 surgiu, por iniciativa do Instituto Nacional de Previdência Sociais (INPS), o Programa de Assistência ao Idoso (PAI) que consistia na organização e implementação de grupos de convivência para idosos previdenciários nos postos de atendimento do INPS. No ano de 1976, foram realizados em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, seminários regionais para se debater a questão da velhice e “apresentar as linhas básicas de uma política de assistência e promoção social do idoso”, culminando no Seminário Nacional que ocorreu em Brasília. Esses seminários foram realizados com o apoio do Ministro da Previdência e Assistência Social, Luiz Gonzaga do Nascimento e

⁶³ Formulada na década de 1950, a Teoria da Atividade tem como proposta explicar a relação entre atividade e satisfação na velhice. Ainda de acordo com essa teoria, seria a inatividade que levaria ao declínio e não a idade.

⁶⁴ A Teoria do Desengajamento aponta que, para ser mais tolerável a passagem de uma geração para a outra, a sociedade deve realizar um processo gradual do desengajamento, assim, evitaria maiores tensões. O desengajamento dos idosos na sociedade é algo inevitável.

⁶⁵ LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, São Paulo, 2000.

⁶⁶ Será nesta década que o tema velhice passa a ser bastante estudado no meio acadêmico. De acordo com Goldstein (2001) no período de 1975 a 1999 podem ser encontradas cerca de 300 dissertações falando sobre esse assunto. GOLDSTEIN, Lucila de Lourdes Lucchino. A Pesquisa Gerontológica no Brasil. *Especiaria*: revista da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, ano 4, n. 7, p. 7-11, jan./jun. 2001.

Silva⁶⁷. Após a reforma da Previdência, ocorrida em 1977, foi criado o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS) sendo a Fundação Legião Brasileira de Assistência a responsável pelo atendimento ao idoso em todo o país.

Esses programas, leis, decretos e portarias tinham como meta atingir todos os idosos, independente de orientação sexual, gênero ou etnia. Todavia, se nos centrarmos em um veículo de comunicação voltado para os homossexuais, em específico, como esses velhos serão mostrados e percebidos? Como essa mídia vai se apropriar desse saber e de que forma aparecerá nos textos publicados?

Entretanto, ao vermos os anúncios publicados no *Troca-troca* perceberemos que os desejos e discursos dos leitores que escreviam para o *Lampião* não se coadunavam com o que era dito sobre esses velhos. Havia pessoas que os desejavam como é possível ver no anúncio de Sérgio. Ele buscava um senhor disposto a vivenciar uma relação amorosa, mesmo não tendo mais esperanças de que isso poderia acontecer.

Nas edições 23 e 24, publicadas em abril e maio de 1980, respectivamente, vamos encontrar não jovens em busca de pessoas mais velhas para relacionamento, mas *coroas* com 40 anos de idade à procura de relacionamento. O interessante é que, na edição 23, encontramos dois anúncios de quarentões que estavam interessados em encontrar alguém para se relacionar, sendo esse alguém jovem, de aparência máscula e bem-dotado. Um vai se apresentar como “Senhor, 40 anos” e o segundo como “Rapaz de 40 anos”, o que nos mostra que o “se perceber como velho” depende de pessoa para pessoa. Geralmente é o olhar dos outros que nos classifica como velho, isso vai acontecer através do discurso dos outros com frases do tipo “nossa como você está velho” ou ainda “esses cabelos brancos te deixam mais velho. Por que você não pinta?”. Sabemos que o termo “velhice” é impreciso, é uma palavra cujo sentido continua a ser vago, cabendo nos perguntar: quando é que nos tornamos velhos? “Teremos a idade das artérias, do coração, do cérebro, do espírito ou do próprio estado civil?⁶⁸”. Se existe essa variação do “ser velho” e “ser bonito” de pessoa para pessoa, como é que se percebe o que vem a ser belo ou feio?

A preocupação com a estética também se fará presente entre os que queriam encontrar um novo amigo ou um novo amor. Além de falar características de pessoas, como altura, peso, cor da pele, ou as próprias características, vamos encontrar em dois anúncios pessoas que não se achavam feias ou bonitas e um que se achava feio, como pode ser visto na edição 25. Paulinho Amarante, 50 anos, morador da Cidade de Deus, Rio de

⁶⁷ RODRIGUES, Nara da Costa. Política Nacional do Idoso – Retrospectiva histórica. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2001.

⁶⁸ MINOIS, George. *História da velhice no Ocidente*. Lisboa: Editorial Teorema, 1999, p. 11.

Janeiro, diz dentre outras coisas, ser relativamente feio e manco de uma perna estando à procura de um “companheiro do mesmo nível de fealdade, inclusive de cor esverdeada (que na carteira de identidade chama-se parda) como ele⁶⁹” (p.9), ou na edição 29, publicada em outubro de 1980 onde, entre os anúncios, podemos encontrar o de Paulo “ATIVO. Tenho 40 anos, não sou feio nem bonito, desejo corresponder-me com rapazes mais jovens, sem pinta, para algo além de uma boa amizade⁷⁰”. Com seu anúncio, Paulo mostra que ser velho não é se tornar uma pessoa assexuada, como na maioria das vezes se pensa e, independente de beleza, esses senhores mostravam que mais do que nunca estavam vivos, sentiam desejo e embora boa parte da sociedade percebesse a velhice como o fim, a decadência, eles queriam amar, mesmo muitas vezes não sendo vistos pela mídia e será sobre a invisibilidade que trata a última carta que analisaremos.

Em julho de 1980, a vigésima sexta edição do *Lampião da Esquina* chegava às bancas e livrarias de várias cidades do país com a seguinte indagação feita por Carlos, 49 anos, e publicada na coluna *Cartas na Mesa* “(...) é verídica a sensação que eu tenho que entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação da idade. Serão os coroas discriminados entre os discriminados⁷¹?”. O leitor diz acompanhar, além do *Lampião* outras publicações voltadas para o público guei (*Rose, Sosex, Ponte de Encontro, e Jornal Gay Internacional*), e percebe uma ausência de publicidade voltada para o público mais velhos nesses periódicos. Os produtores do jornal não confirmam nem negam a pouca publicidade voltada para tal grupo, mas confirma que, entre os héteros e homossexuais, existia sim, preconceito em relação às pessoas com mais de 35 anos que já são consideradas “passadas”, coroas”, “*fanées*”.

Se formos pensar no que é “ideal” e, de certa forma aceitável, entre os homossexuais, em específico, pode-se dizer que o sujeito pode ser homossexual desde que não seja afeminado, uma “caricata e louca desvairada”, ser velho também será um demérito, a verdadeira aproximação da morte. Esse “ideal” não dá espaço para a invenção da homossexualidade a partir de um ativismo constante e questionador como falava Foucault⁷². A forma idealizada pelos homossexuais – jovem, bonito e másculo - e reproduzida pela mídia impressa voltada para esse público, exclui terminantemente outras possibilidades de “modelos” de *gays*, existindo dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por uma parte da sociedade heteronormativa subgrupos que sofrem

⁶⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Troca Troca. Rio de Janeiro, junho de 1980, p. 9.

⁷⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Troca Troca. Rio de Janeiro, outubro de 1980 p. 4.

⁷¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Cartas na Mesa. Coroas podem? Rio de Janeiro, junho de 1980, p. 17.

⁷² FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

preconceitos por ser afeminados, negros, pobres, periféricos, do campo, indígenas, gordos e velhos.

Mesmo existindo esse preconceito, e ainda dialogando com a carta de Carlos, ele lembra que,

(...) os gueis coroas também amam demais; precisam de amor guei; gostariam de participar da luta; muitos (como eu) só com certa idade tentam se assumir publicamente e não podem fazê-lo para não ver arruinar-se tudo o que construíram com lágrimas, renúncias, carências profundas e aflitivas, amando e transando forçados a se esconder (portanto, só com o meio prazer) obrigados a esconder e abafar seus sentimentos e seus desejos tão veemente⁷³.

Apesar de uma proposta de atingir o máximo de minorias possíveis, contribuindo e incentivando para que os homossexuais pudessem expressar a sexualidade sem vergonha, se aceitando da forma que eram, pois, desejar e se relacionar com uma pessoa do mesmo gênero não era doença, havia um público, que não se via no *Lampião*. Ao contrário de publicações futuras que irão dizer velhice como uma “doença” que poderá ser evitada com o cuidado de si através do uso de cosméticos, exercícios físicos e uma vida mais saudável, os *lampiônicos* disseram a velhice e os velhos gays como algo assustador, que deveria ser escondido, questionando a presença das *bichas velhas* em locais de sociabilidades frequentados por homossexuais. Por estarem velhos, não tinham mais direito de vivenciar amor e amores.

Com um tom bem irônico o antropólogo Edward MacRae⁷⁴, nos mostra que mesmo propondo unir os gays no país, “o *Lampião* acabou servindo para tornar ainda mais evidente a sua heterogeneidade não só devido às diferenças culturais, regionais, classistas e etárias, mas também entre os próprios homossexuais organizados”.

As poucas matérias e reportagens cujos “coroas de meia idade” aparecem nos ajudam a perceber, naquela época, uma sociedade na qual idade ainda é um elemento-chave para a participação dos indivíduos na vida social. Ao mesmo tempo, essa sociedade produziu uma forte impressão de sobreposição das fronteiras etárias e uma ambiguidade na maneira como a idade pode ser usada ora para desqualificar, ora para promover. São pessoas pouco desejadas, como afirma o michê (edição 30) que preferia transar com uma travesti a uma “mariconna de meia-idade” e quando isso tem que acontecer, ele cobra mais

⁷³ LAMPIÃO DA ESQUINA, 26ª edição, *Op. cit.*

⁷⁴ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 192.

caro para fazer sexo com uma “bicha velha”. Apesar de tudo isso, os velhos não aposentaram o desejo de viver, de desejar, de amar. Mesmo a velhice sendo algo inevitável, ela é apreendida mais fácil no outro, possivelmente como um espelho que reflete algo que se quer evitar ou um trecho da história que vai ser indefinidamente adiado.

Recebido em 15 de junho de 2021
Aceito em 25 de agosto de 2021